

# Brasil METAL

## INTERNACIONAL

Ano I Nº 308  
03 de Dezembro de 2008

### Índice

Montadoras conseguem concessões do UAW	01
Brutais ataques a sindicalista na Rússia	02
CNM/CUT completa segunda etapa do CNF	02
Obama no governo, não no poder	03
A situação das montadoras nos Estados Unidos	04
Crise aumenta a responsabilidade da Ford Brasil	04

## Montadoras conseguem concessões do UAW

Trabalhadores concordaram em adiar pagamentos ao plano de saúde e suspender ajuda a funcionários demitidos

As montadoras americanas General Motors, Ford e Chrysler conseguiram o apoio do sindicato dos trabalhadores das montadoras (United Auto Workers, em inglês) para adiar o pagamento de contribuições ao plano de saúde dos trabalhadores e suspender um programa de ajuda em dinheiro a trabalhadores demitidos. O acordo com o sindicato é importante porque representantes das empresas vão ao Congresso americano nesta quinta-feira tentar convencer deputados e senadores a aprovar um plano de ajuda de 34 bilhões de dólares.



O governo Bush já informou que só haverá ajuda se as montadoras apresentarem um plano de reestruturação. Os congressistas também condicionam a aprovação a medidas que demonstrem que as empresas podem ser economicamente viáveis. O presidente eleito, Barack Obama, é favorável à ajuda, mas Chrysler e GM dizem que não terão caixa suficiente para sobreviver até janeiro, quando o novo mandatário toma posse. O acordo alcançado nesta quarta-feira foi elogiado por Obama. O sindicato tem mais de 450 mil associados - e não foi fácil conseguir o apoio necessário para as medidas.

O pacote de 34 bilhões de dólares pedido pelas montadoras nesta quarta ao Congresso supera o anterior, de 25 bilhões de dólares, que não foi aprovado em novembro. A GM é a que requisitou o maior empréstimo - 18 bilhões -, seguida pela Ford, que pediu 9 bilhões, e pela Chrysler, com 7 bilhões. A GM disse que necessita de uma injeção imediata de 4 bilhões de dólares para manter as operações até o final do ano. Além dos recursos solicitados ao Congresso, a Chrysler e a Ford também pediram empréstimos do Departamento de Energia para apoiar o desenvolvimento de carros mais eficientes no consumo de combustíveis. A Chrysler solicitou ao departamento 6 bilhões de dólares, e a Ford, 5 bilhões. As três gigantes do setor automotivo se comprometeram a acelerar o lançamento de veículos de alta tecnologia e mais econômicos.

A apresentação do plano de recuperação das empresas ocorre quando parte dos congressistas americanos já cogita a possibilidade de deixar as empresas pedirem concordata, o que significa que passariam a operar sob a proteção do Capítulo 11 da lei de falências do país. Sob essas regras, as montadoras sofreriam uma reestruturação, como na lei de recuperação judicial brasileira. Nos últimos dias, os parlamentares discutiram com especialistas o que poderia ser feito neste cenário. Uma das idéias é que o governo americano criasse um fundo de 40 bilhões de dólares para a reorganização da GM e da Chrysler - vistas como as mais ameaçadas de bancarota. Ambas descartaram a opção de recorrer ao Capítulo 11. >>>>>>>>>>

As montadoras divulgaram seus planos de reestruturação em meio a mais uma batelada de más notícias para o setor. As vendas de veículos novos, nos Estados Unidos, caíram 37% em novembro, para 746.789 unidades. É a primeira vez em várias décadas que o total mensal de vendas fica abaixo das 800.000 unidades. O desempenho anualizado indica um total de 10,18 milhões de unidades comercializadas, menos que os 10,8 milhões anualizados de outubro. As vendas da GM recuaram 41%; as da Ford, 30%; e as da Chrysler, 47%. O desempenho das montadoras japonesas no país também não foi melhor. A Toyota recuou 34% e a Honda, 31%.

Das três montadoras americanas, a Ford é a que aparentou menos urgência na obtenção de recursos. Em sua apresentação, a empresa afirmou que não necessita dos recursos federais imediatamente, mas solicitou os 9 bilhões de dólares em linha de crédito de baixo custo para ser usada no caso de a recessão americana se prolongar. A montadora estima que voltará a ter lucros em 2011. A empresa também enfatizou que vai acelerar o desenvolvimento de carros híbridos e movidos a bateria elétrica, cortar o número de distribuidores e reestruturar suas plantas para produzir veículos menores e mais rentáveis. (*Exame*, 03.12.2008)

## **Brutais ataques a sindicalista na Rússia**

Alexei Etmanov dirigente do sindicato dos trabalhadores da Ford na Rússia, um amigo dos metalúrgicos brasileiros desde sua primeira visita ao ABC foi alvo de dois brutais ataques no início de novembro.

Alexei Etmanov é o presidente do sindicato Ford-Vsevelozhsk e co-presidente da União Interegional de Trabalhadores Automotivos (ITUA) foi alvo de dois ataques brutais nos dias 8 e 13 de novembro. Uma chamada anônima ao sindicato antes do primeiro ataque exigiu que Etmanov parasse suas atividades sindicais - "vamos acabar com sua vida", disse o desconhecido. Ninguém foi acusado por esses crimes e a sua investigação foi suspensa. Outros integrantes do ITUA foram atacados, inclusive Alexei Gramm e Sergei Brizgalov, da organização sindical na fábrica de Taganrog. Esses incidentes também não foram investigados pelas autoridades.

A Federação Internacional dos Metalúrgicos (FITIM) está promovendo uma campanha pela proteção das lideranças do ITUA, exigindo que as autoridades russas realizem uma completa investigação de todos os ataques e que puna os responsáveis por esses atos – tanto os que os cometeram como os que os ordenaram.

Participe dessa campanha assinado uma [petição online](#).

## **CNM/CUT completa segunda etapa do Coletivo Nacional de Formação**



Entre os dias 24 e 26 de novembro a cidade de São Paulo sediou mais um encontro do Coletivo Nacional de Formação, promovido pela Secretaria Nacional de Formação da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) com apoio do IF Metal (Sindicato Metalúrgico Sueco).

A atividade foi a segunda etapa do curso realizado no início deste ano em Louveira, interior paulista e teve como objetivo o aprendizado das ferramentas utilizadas no programa Vida Viva - projeto voltado a pesquisas sobre intervenções no local de trabalho.

Além de lideranças sindicais de todo o país, participaram do encontro trabalhadores da USW (Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Siderúrgica), o secretário nacional de formação da CNM/CUT, Paulo Cayres e formadores do Projeto Vida Viva.

"A formação é um dos principais meios para a concretização das intervenções no local de trabalho. Tenho certeza de que vamos aprender muito com esta parceria", afirmou Mara Lira, formadora do Vida Viva, referindo-se à oportunidade de ser um dos pilares do curso de formação da CNM/CUT.

Para o secretário de formação da CNM/CUT, Paulo Cayres, a idéia é que a formação de formadores seja espalhada por todo o Brasil. "O formador é o sujeito da ação e este compromisso tem sido praticado com êxito por muitos dos que já participaram dos cursos", finalizou. (*Mayara Baggio - Imprensa CNM/CUT*)

## Obama no governo, não no poder

### **Atílio A. Boron**

O anúncio da vitória de Barack Obama desencadeou a rotina de avalanche de notícias e especulações jornalísticas sobre as grandes mudanças que poderão ocorrer como resultado da chegada de um novo ocupante na Casa Branca.

Além do significado que encerra o fato de que um descendente africano chegou à presidência dos Estados Unidos, a verdade é que a importância atribuída ao resultado da eleição ontem foi muito exagerada, e isto por duas razões.



Primeiro, porque se ignora - ou se oculta - as mudanças que já ocorreram e que, longe de serem produtos das eleições, foram o resultado da brutal erupção da mais grave crise geral do capitalismo nos últimos oitenta anos.

Esta queda do "outro muro" precipitou o funeral fulgax do neoliberalismo em que Alan Greenspan confessou "que nada será como antes."

Em outras palavras, independentemente de quem fosse eleito presidente, as mudanças que direcionam menos mercado e mais regulação estatal ou menos liberalismo e mais intervencionismo governamental teriam ocorrido de qualquer jeito.

Mas é altamente improvável que estas mudanças levarão a uma desmilitarização do cenário internacional, e isto por uma segunda razão, ou seja: o presidente dos E.U.A é uma figura muito mais fraca do que parece.

Na verdade, seus poderes são cada vez mais limitados pelo contínuo fortalecimento que Dwight Eisenhower chamava de "o complexo militar-industrial", cuja influência econômica, política e até mesmo espiritual se estenderia até alcançar, segundo o presidente, as agências do próprio governo federal.

O potencial para um crescimento desastroso desse poder baseado na parceria entre um enorme aparato militar e uma não menos importante indústria armamentista, era uma ameaça para as liberdades e à democracia nos Estados Unidos.

No momento em que se cunhou esta frase, janeiro de 1961, esses poderes "de fato" eram apenas emergentes: o orçamento militar dos Estados Unidos era equivalente ao orçamento (militar) de um punhado de outras nações desenvolvidas.

Atualmente, cresceu de forma exorbitante e equivale ao gasto em armamento de todo o resto do planeta.

Este complexo foi se entrelaçando com outros setores da economia, na medida em que a gravidade da situação, conjugada com os custos fenomenais das campanhas políticas, tornaram os ocupantes da Casa Branca presas fáceis para os seus interesses.

Seguindo o pioneirismo dos estudos de C. Wright Mills, o cientista político mexicano John Saxe-Fernandez constatou que quem realmente manda nos Estados Unidos é um "triângulo de poder" composto por: (a) a Casa Branca e, especialmente, os departamentos de Defesa, de Energia, do Tesouro, do Estado, da NASA e do enxame de aparelhos de inteligência, integrado no gigante Departamento de Segurança Interna, (b) as grandes corporações, sobretudo aquelas ligadas à produção de defesa, a aeroespacial, a do petróleo e gás, incluindo os grandes laboratórios, instituições de investigação, câmaras empresariais e de alguns sindicatos, (c) principais comitês do Congresso, em especial os da Câmara dos Representantes e do Senado da Energia e dos Recursos Naturais, forças armadas e os vários sub-comitês dedicados aos setores chaves da vida econômica.

Nos Estados Unidos como na América Latina continua a ser válida a distinção entre chegar ao governo e tomar o poder. Obama entrou para o governo, mas está a anos luz de ter conquistado o poder (no caso em que ele se propusera).

É o sócio menor de uma coalizão que reúne forças esmagadoras superiores às suas, e para as quais as guerras imperialistas e as pilhagens são fontes de fabulosos lucros.

Nenhum presidente foi capaz de ultrapassar estas forças, e nada faz pensar que o resultado poderia ser diferente desta vez. (Tradução de Paula Venturin)

**Atílio A. Boron é Doutor em Ciência Política da Universidade de Harvard e professor titular de Teoria Política da UBA**

## A situação das montadoras nos Estados Unidos

No turbilhão da crise financeira que assola o mundo, duas das maiores montadoras de automóveis nos Estados Unidos - General Motors e Ford - vivem seus piores momentos. A situação da Chrysler (terceira maior) também não é nada boa. Pela primeira vez, fala-se abertamente na possibilidade de uma das três simplesmente falir.

### Erros

Segundo especialistas, um conjunto de erros explicaria o estado de penúria em que elas se encontram. Um deles foi apostar demais num produto só - os utilitários esportivos. No período em que o petróleo era barato, em vez de investirem no futuro e se preparar para um mundo que seria claramente de restrição a este tipo de combustível, basearam seus produtos em carros grandes que consomem muita gasolina e davam lucro alto.

Esse lucro permitiu que elas sobrevivessem no final dos anos 90 e no começo deste século. Porém, não usaram este dinheiro no desenvolvimento de soluções alternativas para o futuro. O erro foi percebido há dois anos e elas tentaram mudar, mais era tarde. O presidente eleito, Barack Obama, quer aproveitar a crise para fazer uma reforma ampla no setor.

### Contrapartidas

Ele já anda dizendo que não deixará as empresas automotivas quebrarem pelo custo social e pelo agravamento da crise que isso ocasionará.

Mas afirmou que também não dará um cheque em branco para elas e exigirá contrapartidas, como por exemplo, a substituição de parte da frota por modelos que usem energia alternativa, como os flex brasileiros.

Ele ainda quer que trabalhadores, gerência, fornecedores, credores e acionistas se juntem para apresentar um plano de como a indústria automobilística norte-americana será. Essa idéia é muito parecida com a experiência da Câmara Setorial no Brasil, no ano de 1992. (*Subseção Dieese/ABC - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 28.11.2008*)

## Crise aumenta a responsabilidade da Ford Brasil e Mercosul

O presidente da Ford Brasil e Mercosul, Marcos de Oliveira, disse na quarta-feira, 27, durante lançamento do EcoSport 2.0 Flex, que o setor automotivo e o País vivem momento difícil com os reflexos da volatilidade da economia e do cenário recessivo em muitos mercados mundiais.

"Apesar de a economia do Brasil estar mais forte e preparada, nosso país não está inteiramente imune a essa situação, o que aumenta a responsabilidade da Ford. Hoje somos a terceira maior subsidiária da marca no mundo. E nossa região tem gerado resultado importantíssimo não só para a corporação, mas também à estratégia de auto-sustentabilidade de nossas operações na América do Sul."

Oliveira afirmou que a ajuda do governo destinada aos bancos das montadoras começou a chegar ao bolso das financeiras, mas ainda não houve tempo suficiente para trazer benefícios ao mercado brasileiro.

"Pode ser que na próxima semana comecemos a sentir o impacto real de todos esses esforços nas vendas de varejo. Agora, com a redução dos volumes de veículos, estamos monitorando diariamente a reação do mercado. E adotando medidas imprescindíveis para manter nosso desempenho, administrando os estoques não só na fábrica como na rede Ford."

O executivo afirmou estar confiante que, com todas as ações tomadas pela empresa e pelo governo nas últimas semanas, surjam condições para regularizar a situação criada pela crise financeira mundial, que tem impactado o País: "Estamos trabalhando com crédito, com taxas escalonadas, com planos de zero de entrada e baixas taxas de juros, além de ampliar os pedidos de férias coletivas em nossas fábricas a fim de adequar a oferta à demanda do mercado".

Apesar da crise, ele acredita que o ano de 2008 será muito bom com relação a 2007: "Os fundamentos econômicos do país são muito positivos. Quando a crise financeira for controlada o País e a economia voltarão a crescer e o Brasil estará muito bem posicionado. Estamos muito comprometidos com nossos investimentos futuros. Vamos dobrar a capacidade de produção de motores a partir de 2010 e lançar novos produtos". (*Autodata, 28.11.2008*)

Brasil Metal Internacional é o boletim informativo eletrônico sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT

Secretário Geral: Valter Sanches

[internacional@cnmcut.org.br](mailto:internacional@cnmcut.org.br)